

Conhecimento metafísico

Prof. Dr. Frederico Schwerin Secco
(UENF – Campos – RJ - Brasil)
Schwerin@uenf.br

Resumo: Este texto defende uma interpretação da metafísica enquanto uma experiência do pensamento a partir do desenvolvimento da intuição intelectual. Procura mostrar que a metafísica pode ser entendida também como um conhecimento espiritual.

Palavras-chave: Metafísica; Intuição intelectual; Conhecimento espiritual

*“Quanto mais longe viajamos,
menos conhecemos”*
Lao-Tsé

Existem diversas modalidades de conhecimento. O conhecimento espiritual, se é que podemos chamá-lo assim, é aquele relacionado com a utilização do intelecto ou intuição intelectual. Nesse sentido, o conhecimento intelectual diferencia-se claramente do conhecimento racional, ou seja, daquele conhecimento fruto do raciocínio ou da racionalidade, que lança mão de deduções e induções. Outra diferença entre o conhecimento racional (dianoético) e o intelectual ou intuitivo (noético) é que o primeiro fundamenta-se na elaboração de conceitos, enquanto o pensamento ou conhecimento intelectual esteia-se em símbolos ou imagens sintéticas.

O conhecimento intelectual é suprarracional na medida que não utiliza uma argumentação sustentada nos raciocínios lógicos em que uma proposição ou argumento pressupõe uma linha ou encadeamento de ideias que se entrelaçam numa determinada trama em que conceitos e proposições se relacionam necessariamente e cujo sentido aparece justamente devido à coerência entre as explicações que se sucedem.

O conhecimento espiritual é alcançado através do intelecto, cuja principal característica é a apreensão direta ‘das realidades’. Este procedimento pressupõe o domínio da faculdade intuitiva ou noética, comumente traduzida em nossa língua como intuição intelectual. A admissão da faculdade noética traz consigo o surgimento de diversos

problemas de natureza epistemológica, o principal deles, o da aceitação ou da recusa de um ‘mundo espiritual’. Metafisicamente falando, este mundo espiritual não trata do ‘mundo dos espíritos’ (entendidos enquanto entidades desencarnadas existentes em uma forma diversa daquela em que vivemos em nosso mundo terreno), mas pressupõe um ‘mundo transcendente’, isto é, a existência de seres (manifestados ou não) que não podem ser apreendidos por nossos sentidos, pelo raciocínio lógico ou por qualquer dos métodos disponibilizados por nossas ciências.

A nosso ver, a desconsideração pela própria possibilidade do desenvolvimento de uma inteligência intuitiva é uma das razões principais do pessimismo reinante em nossa época e de alguma das diversas dificuldades que o pensamento filosófico encontrou ao longo de sua história.

Defender um conhecimento espiritual é admitir a possibilidade ou plausibilidade de um saber alcançado de forma imediata, cuja característica determinante é a apreensão de uma dada realidade sem a pressuposição da figura de um sujeito que interage com um objeto diferente dele. O conhecimento intuitivo preconiza uma faculdade humana capaz de apreender determinadas ideias ou noções diretamente, isto é, a capacidade do intelecto conhecer determinadas realidades de modo universal, uma vez que o intelecto humano possui uma característica universal.

O que significa dizer que o intelecto humano é universal? Significa afirmar que ao contrário de nossas outras capacidades cognitivas, que são todas elas individuais, o intelecto não está sustentado em nossa subjetividade ou individualidade. Pois é justamente o intelecto (ou a parte superior dele, como dizem alguns filósofos) algo que possuímos em comum com a nossa espécie. Mais ainda, dizer que o homem foi criado à imagem de algum ser superior ou divino é afirmar que ambos possuem o mesmo e único intelecto universal. Segundo Mestre Eckhart, o conhecimento é uma luz da alma (1983; p. 95-96). Toda visão pressupõe uma luz que permite este ato. A LUZ que ilumina o processo da contemplação intuitiva ou intelecção é justamente a fásca ou centelha provocada pelo 'esforço sem esforço' intelectual, que culmina na participação, através do intelecto, nas verdades

metafísicas. A promessa do *Fiat Lux* é o desafio à instauração da claridade que a tudo ilumina, num instante supremo, em que tudo ganha coerência e sentido (*O raio governa o universo*. Heráclito; fragmento 64).

Na história da Filosofia, não foram poucos os importantes pensadores que defenderam uma tal suposição, ou seja, a defesa de um conhecimento que apreende realidades transcendentais de forma direta, sem o auxílio dos sentidos ou do raciocínio. Em nossos dias, como podemos facilmente comprovar, esse tipo de defesa é não apenas anacrônico, em vista das preocupações com as argumentações baseadas na própria utilização coerente de uma linguagem filosófica mas, e sobretudo, pelo posicionamento antimetafísico da imensa maioria dos pensadores que se debruçam sobre os temas epistemológicos.

Embora a Metafísica ainda encontre o seu lugar no ensino da Filosofia, o interesse por esta ‘disciplina’ é principalmente (senão totalmente) histórico. A Metafísica é ensinada, de forma preponderante, em relação com a História da Filosofia, e é apresentada como o exemplo mais notório do pensamento pré-crítico (no sentido kantiano). Ainda que pensadores pós-kantianos notáveis tenham se preocupado em reavaliar os pressupostos e a importância propedêutica da investigação metafísica, essa área do saber vem sendo paulatinamente desconsiderada do panorama das ideias nas ciências humanas, uma vez que foi ‘enterrada’ pelas ciências da natureza e sociais.

Desde as investigações de Heidegger, pareceria um pleonasma falar de Metafísica ocidental. Segundo o pensador alemão, a Metafísica é a forma de pensar instaurada pelos gregos antigos que culminou em nossa tendência atual de ver e compreender o mundo (ainda que essa tendência seja agora unidimensional, no sentido de desprezar qualquer diferença entre Ocidente e Oriente).

Entretanto, a própria forma de definir a Metafísica já indica o ‘lugar’ ou a pressuposição teórica de quem a define. Isto é, se a Metafísica só pode ser entendida como uma forma de pensar iniciada pelo questionamento (e pelos sucessivos ocultamentos) da questão do Ser, isso indica que afirmamos isto já dentro de um ‘posicionamento pré-

metafísico' que subsume que a própria Filosofia é ocidental (leia-se europeia), na medida em que se 'pré-ocupa' como um determinado entendimento do Ser, ou seja, do Ser enquanto objeto de uma investigação dianoética ou analítica. Isto quer dizer: a tarefa do pensamento, tal como foi concebido a partir dos gregos, é compreender o Ser em sua dimensão dianoética, isto é, enquanto passível de ser descrito por um *logos*, ou seja, através de um raciocínio lógico.

Mas é possível pensar outros sentidos ou tarefas para a Metafísica. Na verdade, não foram poucos os filósofos e pensadores do Ser que defenderam ou propuseram posições diferentes ou interpretações contrárias. Sem pretender (seja por questão de espaço, seja por competência) definir as várias acepções do pensamento metafísico, gostaríamos de chamar a atenção para um dos aspectos deste campo do saber menos considerados ou mais desprezados.

É possível defender uma interpretação para a Metafísica como a tentativa de apreender a realidade do mundo (pressupondo aqui que a própria definição de mundo contempla várias outras instâncias de manifestação não observadas pelas nossas diversas faculdades) pelo intelecto, ou através da inteligência intuitiva ou intelectual:

vê todas as coisas, não no processo de vir-a-ser, mas no Ser, e vê a si mesmo no outro. Cada ser contém em si mesmo todo o mundo inteligível. Portanto, o Todo está em todas as partes. Cada um está lá no Todo, e o Todo, em cada um. O homem, como é agora, cessou de ser o Todo. Mas quando ele cessa de ser um indivíduo, levanta-se a si mesmo novamente e penetra todo o mundo (PLOTINO/Enéadas; *Apud* HUXLEY, 1971, p. 12).

E se isto for possível, poderemos então comprovar que a Metafísica irá vingar sempre que uma experiência intelectual for adquirida, seja no Ocidente, seja no Oriente. Mas uma 'vivência metafísica' não possui qualquer valor heurístico. Não obstante, o que pode indicar uma descrição positiva ou negativa, de uma experiência intuitiva? Em primeiro lugar despertar a nossa atenção para a possível latência de uma nova faculdade a ser desenvolvida. A faculdade intelectual aparece agora como algo a ser considerado e

posto à prova.

Como todo empenho, a atitude de despertar um conhecimento espiritual, através da inteligência intuitiva, pressupõe um esforço. Parece que a grande dificuldade está em discernir este esforço. A atitude de busca pelo conhecimento espiritual exigiria a utilização de nossa inteligência intelectual, cuja característica essencial é uma 'vivência direta' ou participação na questão na qual estamos envolvidos.

Uma decorrência funesta do conhecimento intuitivo é a dificuldade de expressão desta vivência, sendo que na maior parte das vezes aqueles que tentaram descrever as suas experiências intuitivas lançaram mão de descrições indiretas. Estas descrições caracterizam-se, primeiramente, por deixar patente a dificuldade de qualquer explicação a partir da utilização de nossa linguagem corrente e, em segundo lugar, pela preocupação em informar ou deixar claro o que a experiência não é. Na medida, entretanto, que esses relatos, mesmo indiretos ou inconclusivos, afirmam o acesso a novas e diferentes instâncias da realidade, afirma-se ao mesmo tempo uma interpretação alternativa para a Metafísica.

A Metafísica é definida, desde Aristóteles, como a 'filosofia primeira' ou aquela que se ocupa do Ser e de suas determinações e que, concomitantemente, se ocupa de algo que é superior ou supremo na ordem dos seres e, por extensão, na ordem do conhecimento destes seres. Em Tomás de Aquino, esta filosofia primeira ou ciência primeira era o conhecimento da verdade que origina todas as outras verdades e estava, como podemos supor, ligada a um conhecimento revelado. Estas duas concepções da Metafísica foram consideradas conhecimento ontológico no sentido de que visavam compreender uma substância separada (ser imóvel, o primeiro motor, Deus) que era o princípio determinante de todas as verdades.

No caso de Aristóteles, este conhecimento superior era facultado pela faculdade noética, hierarquicamente considerada a faculdade humana superior (lembrando que, segundo Aristóteles, os graus do conhecimento decorrem da sensação, da percepção, da imaginação, da memória, da linguagem, do raciocínio e da intuição (*nous*)). Embora ainda seja motivo de disputas acadêmicas as diversas interpretações a propósito da Teoria das Ideias, tem-se como consenso que Platão afirma um mundo diferente deste que é

apreendido por nossos sentidos, e que aquele outro mundo guardava a chave da compreensão das primeiras verdades, derivadas da noção do Bem. Como sabemos também, esse mundo transcendente só permitia o acesso através de uma ascese rigorosa em que os processos de nosso conhecimento eram cada vez mais refinados, culminando na ‘visão’ ou ‘participação’ na verdade primordial.

Na Idade Média, um dos maiores pensadores que refletiu sobre o conhecimento intelectual foi Averroes (1126-1198). Na linha do pensamento aristotélico, Averroes procurou investigar as possibilidades do intelecto na apreensão do conhecimento ou das verdades eternas.

Na sua obra *Sobre o intelecto*, Averroes, ao descrever as faculdades humanas (sensitiva, imaginativa, cogitativa e rememorativa), advoga uma capacidade racional separada (intelecto) que tem a função de contemplar ou apreender as verdades universais. Ainda que Averroes aceitasse falar de intelectos (no plural), o importante é que este pensador entende que a capacidade específica do intelecto é captar, de forma universal, as verdades eternas ou os universais, na linguagem da época (2004; p. 135 ss). Para Averroes o ser humano possui uma capacidade noética (difícil, entretanto, de ser desenvolvida) que possibilita o entendimento das verdades primeiras, mas não de forma subjetiva ou individual. Isto significa afirmar que possuímos, ainda que de modo latente, um ‘intelecto universal’ que permite o acesso às coisas como elas são. É exatamente esta concepção metafísica que permite encontrar uma similaridade de interpretações entre as concepções metafísicas grega, cristã e islâmica¹.

Desde a Época Antiga até a Era Moderna, podemos contar por volta de vinte séculos de preocupação metafísica propriamente dita. Vinte séculos de investigação filosófica aliadas à descrição de experiências intuitivas (Plotino, Agostinho, Ibn Arabi, Eckhart, João da Cruz, Tereza D’ávila, entre tantos outros). Ao citar apenas Descartes, Malebranche, Berkeley e Leibniz, entre os principais pensadores da modernidade, podemos ter a certeza que a preocupação metafísica continuou ativa na Era Moderna, embora com outros matizes.

¹ Ainda que propriamente falando, as ideias de Avicena (980-1037) viessem a confirmar ainda mais que aquelas de Averroes, uma capacidade humana de acessar os conhecimentos transcendentais.

A suposição de que uma verdade ou realidade transcendente, deísta ou teísta, sustentava e era mesmo a condição de possibilidade deste mundo, vingou ainda por muito tempo.

Mesmo aqueles pensadores menos preocupados com o rigor conceitual do que com as descrições aproximadas das suas experiências intuitivas ou intelectuais, como Swedenborg ou Jacob Boehme, influenciaram decisivamente o panorama do pensamento romântico do século XIX. A leitura das obras de Boehme por Hegel, Schelling e Fichte foi decisiva para o desenvolvimento de suas idéias e preocupações filosóficas. Por mais que se discuta sobre a ‘propriedade’ das descrições de homens como Jacob Boehme ou Emmanuel Swedenborg, o fato desconcertante é que esses relatos são o resultado de experiências intuitivas ou intelectivas, dentro das limitações imposta pela linguagem humana: “Porém, apenas o espírito pode vê-lo e a língua não pode alcançá-lo, pois as únicas palavras que posso empregar são as deste mundo” (BOEHME: 1998; p. 78). Poderíamos afirmar que se trata, nestes casos, de um conhecimento metafísico? Responder afirmativamente a esta questão é colocar-se temivelmente (principalmente em nossa época tão desacreditada de tudo) em uma posição epistemologicamente vulnerável. Não obstante, a despeito não de nossa própria experiência pessoal, mas da confiança nos relatos semelhantes de inúmeros autores (é necessário acreditar em algo!) e em certa similitude entre suas descrições e avaliações, afirmamos tratar-se de conhecimento metafísico, entendido porém no sentido daquele entendimento supra racional que tem como propósito alcançar determinadas verdades (transcendentais) que explicariam e dariam sentido a certas questões (não a todas, é óbvio) de ‘nosso mundo sensível’. Por esta razão, a abrangência daquilo que entendemos por Metafísica deve ampliar suas fronteiras. O problema fundamental aqui é que essa ampliação forçará a um afastamento do território da Filosofia. É preciso aceitar, porém, que se trata de um afastamento, mas não de uma traição à Filosofia. É possível aceitar, a nosso ver, que a Metafísica pode ser examinada desde uma perspectiva filosófica, além de poder ser abarcada de uma perspectiva supra-racional. É neste sentido que podemos afirmar que a Razão (*logos*) ou a racionalidade é responsável pela investigação filosófica, da mesma maneira que cabe ao intelecto (*nous* ou faculdade noética) a responsabilidade pela

investigação intuitiva. O produto do exame filosófico é o conhecimento racional articulado através da elaboração de conceitos; sendo o resultado do procedimento intelectual o conhecimento espiritual, sintetizado seja no simbolismo espiritual, seja no poema fruto de uma visão intuitiva, seja na descrição de uma experiência intuitiva.

É necessário afirmar, portanto, que a Metafísica não está circunscrita aos domínios da Filosofia, mas que possui autonomia, e por isso, pode ser compreendida em várias dimensões, ou seja, em sua forma ocidental e em sua forma oriental. Assim, ao entender a Metafísica como englobando o campo de conhecimento espiritual investigado pelo intelecto, estaremos admitindo a possibilidade de que o ser humano possua uma faculdade cognitiva a ser desenvolvida e que, uma vez utilizada com propriedade, pode ampliar a nossa visão de mundo.

Neste início de século, que espécie de caminhos as investigações que admitam a possibilidade de um conhecimento espiritual ainda podem nos mostrar? Segundo a nossa racionalidade hodierna, tudo o que não é absolutamente claro, distinto e passível de comprovação universal é duvidoso, no pior sentido do termo, sendo aconselhável que nos calemos a respeito daquilo que a linguagem (ou a lógica) não alcança. A dúvida hiperbólica pareceria ter vencido. Não obstante, se a intuição intelectual for uma capacidade humana a ser desenvolvida, existiria ainda a possibilidade de um despertar para aquelas realidades que asseguram ontologicamente o sentido de nossas vidas. Mas como acessá-las? Ou mesmo como acreditar que isto seja possível?

Em primeiro lugar, nesse campo de investigações a certeza só poderá ser alcançada pela própria ‘experiência intelectual’! Uma das provas indiretas mais decisivas para aqueles que defendem a imanência do mundo é o fato de nunca terem ‘contemplado’ nada. Neste campo, esta pareceria ser realmente uma razão ‘definitiva’. Mas seria, por outro lado, possível conceber a possibilidade de uma experiência intuitiva, mesmo que de segunda-mão? O que nos garantiriam os relatos daqueles que já tiveram uma ‘experiência decisiva’ do intelecto ou da inteligência intuitiva? Como o conhecimento espiritual transmitido, mas não vivenciado, poderia ser útil ou válido no campo do pensamento?

Se não formos santos ou sábios, o melhor que podemos fazer, no campo da metafísica, é estudar as obras dos que alcançaram esses estágios e que, por terem modificado o seu modo simplesmente humano de ser, foram capazes de um conhecimento maior do que o puramente humano (HUXLEY, 1971, p.6).

Embora não se trate propriamente de crença, é preciso aceitar que o conhecimento espiritual existe e que já foi alcançado por alguns (indiferentemente do pequeno ou do grande número daqueles que obtiveram êxito):

Quando atingimos este ponto, temos o satori. Ter um satori quer dizer ficar no “ponto” de Eckhart, de onde podemos olhar em duas direções o caminho de Deus e o caminho da criatura. Expressado de outra maneira, o finito é infinito e o infinito é finito. Esse pontinho é pleno de significação e estou certo de que Eckhart teve um satori (SUZUKI, 1976, p. 81).

A maioria de nós, que ainda não alcançou o conhecimento espiritual pode, não obstante, ter a certeza de que, a partir do que disse Suzuki sobre Eckhart, o próprio Suzuki teve uma experiência intuitiva decisiva.

Tal como o samba e a poesia, o conhecimento espiritual não se aprende na escola. E se não se aprende é porque também não se ensina. Na busca pelo conhecimento espiritual, a primeira atitude positiva é adquirir uma espécie de desconfiança às avessas: deixar sempre aberta a própria possibilidade de que o mundo não seja apenas aquela instância admitida pelas ciências. Deixar sempre latente um TALVEZ. Partindo da certeza de que o ser humano é não apenas racional, mas sensível, emotivo, mental e, sobretudo, intuitivo, deixar margem para experiências intelectivas que poderão nos mostrar novas paisagens, exteriores e interiores. E onde estão os indícios ou as pistas de que este conhecimento intuitivo ou espiritual é possível?

Acima de tudo na grande poesia, na arte sublime e na experiência do pensamento noético ou espiritual. Restringindo nosso olhar ao pensamento espiritual, perguntamos agora pelas suas fontes ou por seu eventual método.

Talvez possamos supor o desenvolvimento de uma abordagem intuitiva na interpretação ou entendimento dos textos ou relatos nos quais investimos nossos esforços.

Não se trata de uma experiência sensorial ou racional, mas algo como uma 'coparticipação' nas experiências narradas por aqueles pensadores que alcançaram algum conhecimento espiritual. Tal como o dedo que aponta para a lua não é a lua, precisamos ler os relatos ou descrições destes pensadores não com o olho no texto, mas com a 'visão' dirigida para o que o texto aponta. Tal como a música pode abrir a lata da alma (Henry Miller *dixit*), a experiência intelectual transmitida pode abrir alguma das portas de nosso espírito.

Referências:

AVERROES. *Sobre el intelecto*. Madrid: Trotta, 2004.

BOEHME, Jacob. *A aurora nascente*. São Paulo: Paulus, 1998.

HEIDEGGER, Martin. *Que é metafísica?* São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

HUXLEY, Aldous. *A filosofia perene*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

Mestre ECKHART. *A mística de Ser e de não Ter*. Petrópolis: Vozes, 1983.

PLOTINO. *Eneadas*. Madrid: Gredos, 1982.

SUZUKI, D. T. *Mística: cristã e budista*. Belo Horizonte: itatiaia, 1976.

Metaphysical knowledge

Abstract: This paper argues for an interpretation of metaphysics as a thought's experiment from the development of intellectual intuition. Also seeks to show that metaphysics can be understood as a spiritual knowledge.

Keywords: Metaphysics; Intellectual intuition; Spiritual knowledge.

Data de registro: 10/12/2012

Data de aprovação: 28/02/2013